

FACULDADE CALAFIORI

Aline Aparecida dos Santos Pedrosa

EDUCAÇÃO: UMA MUDANÇA SOCIAL E CULTURAL

São Sebastião do Paraíso 2017

FACULDADE CALAFIORI
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EDUCAÇÃO: UMA MUDANÇA SOCIAL E CULTURAL

Trabalho apresentado à Faculdade Calafiori de São Sebastião do Paraíso - MG, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação Escolar

Orientador: Me. Cláudio Manoel Person

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação

Aluna: Aline Aparecida dos Santos Pedrosa

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO

2017

ALINE APARECIDA DOS SANTOS PEDROSA

EDUCAÇÃO: UMA MUDANÇA SOCIAL E CULTURAL

Trabalho apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Curso de Pedagogia da Faculdade Calafiori de São Sebastião do Paraíso - MG.

Comissão Julgadora:

Orientador – Professor Mestre Cláudio Manoel Person

2ª examinador – Professor Mestre César Clemente

3ª examinadora – Professora Mestra Marília Neves

Avaliação: () _____

São Sebastião do Paraíso, ____ de _____ de 2017.

DEDICATÓRIA

À minha filha Yara Fernanda Pedrosa pela ausência, ao meu marido Ivan Donizete Pedrosa pela paciência e aos que nunca acreditaram...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de retornar aos estudos e conquistar o tão sonhado diploma.

Ao meu Professor Mestre Orientador Cláudio Manoel Person pela dedicação, com suas leituras minuciosas que foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho em questão.

À Faculdade Calafiori pelo apoio e incentivo.

A minha Professora Mestra Adriana Regina Silva Leite pela colaboração em minha vida pessoal.

A Professora Sara Caixeta por acreditar que eu era capaz.

A Professora licenciada em Letras Joster Mara Paes pela correção da redação.

E a todos vocês Professores e Mestres, meus eternos agradecimentos.

EPÍGRAFE

Quando questionada sobre o endereço da família, respondeu: “– Rua do Bota-Fora, barracão dez”. Ela causou um assombro nas pessoas que estavam por perto, incluindo a sua mãe e o seu irmão Mário, que logo interveio: “– Não, o nome da rua é Rua das Margaridas e é sem número”. Joana sorriu. Zombava da própria sorte. Tentou tampar a boca de Mário como se quisesse evitar que ele dissesse o nome oficial da rua. O irmão compreendeu a brincadeira e reafirmou: “– Ah, é mesmo. É Rua do Bota-Fora, barracão dez”. (MEDEIROS,2011)

PEDROSA, Aline Aparecida dos Santos. **Educação: Uma Mudança Social e Cultural**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Calafiori. São Sebastião do Paraíso, 2017.

RESUMO

A educação da atualidade não tem valor por ser gratuita e obrigatória. As famílias pobres não vêem motivos para incentivarem seus filhos a estudarem e mudarem suas condições hereditárias. Dito isso cabe a escola assumir um papel humanizador e consciente que leve seus alunos a acreditarem que com uma boa educação, poderão transformar sua realidade. Considerando o cotidiano do seu alunado, o professor deve trabalhar de maneira significativa, pois o aluno só pode transformar aquilo que conhece. Através da pesquisa bibliográfica de autores que dominam o tema sobre a humanização, podemos apontar algumas falhas da educação brasileira. Embasados nos teóricos notamos que podemos sim transformar a realidade que nos foi inculcada por meio de uma boa formação. Ampliar os estudos sobre o tema para que tenhamos mais respaldo para conscientizar os educandos para saber que somente através da escola o sujeito será integralmente aceito. No primeiro capítulo, inicio com um breve levantamento sobre a formação da sociedade e da cultura bem como sua transformação ao longo do tempo. O segundo capítulo elucida de maneira sucinta o entendimento da educação e sua condição na atualidade, apontando suas carências e déficits. O terceiro capítulo pauta nos resultados relevantes da prática educativa no meio social, articulando uma mediação entre o homem e a educação, refletindo sobre pontos determinantes a serem considerados para que o indivíduo seja transformado na sua maneira de compreender sua posição na sociedade, para que o mesmo sofra uma ascensão cultural.

Palavras-chave: Educação, mudança social, pobreza.

PEDROSA, Aline Aparecida dos Santos. Education: A Social and Cultural Change. Completion of course work. Degree in Pedagogy. Calafiori College. São Sebastião do Paraíso, 2017.

ABSTRACT

Today's education is worthless as it is free and compulsory. Poor families see no reason to encourage their children to study and change their inherited conditions. That said, it is up to the school to assume a humanizing and conscious role that will lead its students to believe that with a good education, they can transform their reality. Considering the daily life of his student, the teacher must work in a meaningful way, since the student can only transform what he knows. Through the bibliographic research of authors who dominate the theme about humanization, we can point out some failures of Brazilian education. Based on the theorists we note that we can rather transform the reality that has been instilled through a good formation. Expand the studies on the subject so that we have more support to make the learners aware that only through the school will the subject be fully accepted. In the first chapter, I begin with a brief survey on the formation of society and culture as well as its transformation over time. The second chapter succinctly elucidates the understanding of education and its current condition, pointing out its deficiencies and deficits. The third chapter outlines the relevant results of educational practice in the social environment, articulating a mediation between man and education, reflecting on determining points to be considered for the individual to be transformed in the way he understands his position in society, so that the even undergo a cultural rise.

Key words: Education, social change, poverty.

LISTA DE SIGLAS, ABREVIACOES E SÍMBOLOS

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. CULTURA E SOCIEDADE.....	16
1.1 Definição de sociedade.....	17
1.2 Desigualdade social.....	21
2. EDUCAÇÃO.....	25
2.1 Educação e como se concretiza.....	25
2.2 Teses e dissertações.....	28
3. A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO.....	33
3.1 O assistencialismo dentro da escola.....	36
3.2 Tendências como redentora, reprodutora e transformadora da sociedade.....	38
CONSIDERAÇÕES.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

Eu, Aline Aparecida dos Santos Pedrosa iniciei minha vida acadêmica aos quatro anos de idade na creche “O Bom Samaritano”. Enfatizo minha trajetória acadêmica por se tratar de uma instituição de aprendizagem, e não de uma escola onde a aprendizagem era prioridade, pois naquela época, onde as escolas eram tradicionais, as creches funcionavam como um depósito de crianças que serviam socialmente às famílias menos favorecidas. Seguíamos regras e horários para fazer todas as atividades. Todavia, de certo modo estávamos aprendendo algo, como seguir regras, cantar, além de ter os cuidados fisiológicos de crianças daquela idade. Permaneci naquela instituição e ingressei no pré aos seis anos. Minha professora atendia pelo nome de D. Dorinha. (Não me lembro de seu nome de registro). Tinha unhas vermelhas e usava os óculos em cima do decote. Não tenho uma “boa impressão” dela, por ela ser muito autoritária e quase não sorria.

Fomos alfabetizados pelo Método Sintético Alfabético ou Soletativo, em um sistema tradicional. Fui matriculada na primeira série, aos sete anos de idade, em 1997 na Escola Municipal Professora Gelcyra Xavier de Oliveira e recordo da minha professora do primeiro ano D. Luíza Passos. Nós todos a chamávamos de “tia”, apelido dado pela própria. Ela era muito amável. Tinha cabelo curto. Gostava tanto dela que cortei o meu. Ficou ridículo.

No quarto ano, ela matou nossos sonhos quando disse: “Eu sou professora ou D. Luíza. Não sou parente de vocês para me chamarem de tia”. Ela se tornou insuportável. A sala passou a detestá-la. Agradecemos quando ela resolveu entrar na política e abandonar o cargo. Teve três votos apenas. Trágico!!!

Entre com louvor no ensino fundamental II. Minhas notas eram acima da média. Porém na sexta série quase fui reprovada por excesso de faltas por motivos pessoais. Melhorou quando comecei a trabalhar, pois meu emprego fazia parte do projeto “Guarda Mirim” que dependia de frequência nas aulas e boas notas.

Fui escalada para trabalhar na escola que havia concluído o primário, a Escola Municipal “Professora Gelcyra Xavier de Oliveira”, onde permaneci por quatro anos. Foi nesse período que desencadeei um apreço pela educação. Sempre dizia que queria ser professora, mas esses anos de trabalho na escola, fez-me perceber o que realmente queria seguir na minha carreira profissional.

Quando ingressei no Ensino Médio, concluí o primeiro ano, e descobri que estava grávida. Fiz o segundo ano durante minha gestação e parei de estudar, regressando dois anos depois e concluindo o mesmo. Após cinco anos, resolvi entrar na faculdade de Pedagogia, pois sabia que um bom futuro se constrói através de uma formação profissional. A partir da ideia de que a alienação do sujeito e o comodismo fazem a estagnação de sua cultura hereditária, surgiu minha afeição pelo autor Paulo Freire e em sua utopia de transformar a sociedade através da educação. Para elucidar o sentido da palavra utopia no discurso de Paulo Freire, o próprio autor salienta que

O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos. O sonho possível tem a ver com os limites destes espaços e esses limites são históricos. (...) A questão do sonho possível tem a ver exatamente com a educação libertadora, não com a educação domesticadora. A questão dos sonhos possíveis, repito, tem a ver com a educação libertadora enquanto prática utópica. Mas não utópica no sentido do irrealizável; não utópica no sentido de quem discursa sobre o impossível, sobre os sonhos impossíveis. Utópico no sentido de que é esta uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio, entre a denúncia de uma sociedade injusta e exploradora e o anúncio do sonho possível de uma sociedade que pelo menos seja menos exploradora, do ponto de vista das grandes massas populares que estão constituindo as classes sociais dominadas. (Freire, 1982, p.100 apud Gadotti, 2007)

O presente trabalho tem como objetivo destacar a importância da educação e seu papel transformador do contexto social e cultural. Foi realizado com o intuito de estudar as diferentes classes sociais e suas características compreendendo sua cultura de vida através do mesmo. De caráter crítico e emancipatório a pesquisa tem como enfoque a conscientização do sujeito e seu modo de transformação da sociedade através da sua prática cotidiana no agir e refletir. Atuar, operar, transformar a realidade de acordo com finalidades, indagar ou fazer um sujeito de conduta e ações compreendendo o modo de vida e a possível transformação para que esse sujeito rompa esse círculo vicioso e transforme sua herança cultural, enxergando sua liberdade, saindo da alienação, quebrando o ciclo de opressor/oprimido e assim se libertando da exploração. Sendo o ser humano um ser inacabado e em condições de transformação, a educação tem como objetivo agir sobre a consciência ingênua para que o sujeito deixe sua passividade e comece a atuar sobre a sociedade e, por conseguinte transformá-la.

O objetivo geral é enfatizar a transformação do homem e sociedade através da conscientização adquirida por meio da educação; os objetivos específicos explicam a formação

da sociedade e sua herança cultural, destacando os problemas que surgem em uma sociedade hegemônica; a concepção da criticidade humana; possibilidade de uma educação transformadora e libertadora.

No primeiro capítulo, pesquiso sobre a história de formação do homem, e sua passividade em permanecer na ignorância no sentido de o sujeito não ter vocação para buscar sua autonomia; um breve levantamento da história geral, sua formação e influência na sociedade brasileira e sua herança cultural. (Bourdieu, 2007).

No segundo capítulo, ênfase sobre a educação, seu caráter emancipatório e político e sua reprodução na sociedade (Bourdieu, 1970).

No terceiro capítulo, a transformação do indivíduo e conseqüentemente da sociedade e cultura através da influência da educação (FEIRE, 1979).

Esse trabalho é de cunho qualitativo, pois foi desenvolvido através de estudos embasados nas Ciências Sociais.

Deslandes acrescenta que:

O objeto das ciências sociais é histórico. Isso significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configurações são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num debate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. [...] (Deslandes, 1994 p.13)

As pesquisas deste “caráter especificamente qualitativo (Deslandes, 1994 p.15)” são significativas por terem como objeto principal o estudo do ser humano e suas ações.

Para enriquecer, Lakatos 2001, p.107 acrescenta que

[...] Partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e investigação do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época [...].

Uma análise minuciosa do passado compreende o nato, com a verificação desde o início, o surgimento de fatos importantes; o desenvolvimento e as possíveis alterações, o decorrer dos fatos ao longo do tempo e suas transformações compreendendo o modo de cultura seguida por nós desde a antiguidade.

[...] as instituições, no ambiente social em que nasceram, entre as suas condições “concomitantes”, torna-se mais fácil sua análise e compreensão, no que diz respeito à gênese e ao desenvolvimento, assim como às sucessivas alterações, permitindo a comparação de sociedades diferentes: o método histórico preenche os vazios dos fatos e acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstruído, que assegura a percepção da continuidade e o entrelaçamento os fenômenos. (Lakatos, 2001 p. 106 e 107)

A metodologia utilizada é o método histórico de análise crítica, importante para compreendermos o passado e apurar seus efeitos na contemporaneidade.

Na revisão bibliográfica foram utilizadas as obras FREIRE, 1979; PATTO, 1990; SAVIANI, 1944; BOURDIEU, 2007; teóricos de grande influência social que através de seus estudos, explica os fatos passados e sua influência nos dias atuais.

Por meio de pesquisas de fatos históricos, compreende-se a formação da sociedade e os motivos pelo qual a sociedade se encontra neste padrão.

1. CULTURA E SOCIEDADE

Educação: Uma Mudança Social e Cultural salienta sobre a influência da educação e as possíveis transformações da sociedade através da autonomia, pois como cita o professor Paulo Freire: “A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo de vir a ser”. (FREIRE, 2014 p. 105)

A escola tem como objetivo primordial formar alunos que chegam à sala de aula sem ter motivação para melhorias. Esses, alunos com condições economicamente desfavoráveis, frequentam as aulas porque são obrigados por lei, mas não encontram significação para seguirem e por isso evadem, antes mesmo de se formarem no ensino médio. Essa realidade concretiza-se , pois trata-se de uma trajetória que se repete hereditariamente. Maria Helena Souza Patto ressalta que:

[...] numa sociedade em que a discriminação e a exploração incidem predominantemente sobre determinados grupos étnicos, a definição da superioridade de uma linhagem a partir da notoriedade de seus membros só pode resultar num grande mal-entendido: acreditar que é natural o que, na verdade, é socialmente determinado. (Patto, 1990, p.39)

Famílias que são de classes menos favorecidas não encontram motivos pra acreditar numa formação acadêmica, e essa realidade é passada para os filhos. Isso se torna hereditário, pois os pais, tendo uma vida sofrida e sem perspectiva para si refletem essa realidade para os filhos, onde destacam que o importante é arrumar um emprego, simplesmente para obter renda mensal e sanar suas despesas.

O governo também não ajuda na emancipação da sociedade, pois oferec cursos técnicos para obter mão de obra barata. Caráter típico de um país neoliberalista com um pseudodiálogo.

A sociedade brasileira vive alienada no seu comodismo, e essa passividade não permite que a mesma procure por mudanças. Paulo Freire (1979, p. 35) enfatiza que:

A sociedade alienada não tem consciência de seu próprio existir. [...]O ser alienado não olha para a realidade com critério pessoal, mas com olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginaria e não a sua própria realidade objetiva. [...](Paulo Freire, 1979, p. 35)

Essa atitude resulta numa sociedade subserviente, fazendo- a perder sua identidade e autonomia.

1.1 Definição de sociedade

Sociedade é a convivência que os indivíduos têm, como se organizam, a maneira como vivem e partilham de interesses em comum. Ser social é saber tomar decisões em grupo, tendo responsabilidade coletiva.

Kruppa enfatiza que

A sociedade é toda ela uma situação educativa, dado que a vivência entre homens é condição da educação. A ação desenvolvida entre os homens os educa e, ao interagirem, educando-se entre si, os homens formam a sociedade. (KRUPPA, 1994, p. 21)

A socióloga ressalta a importância da Sociologia como estudo da sociedade, o modo pelo qual vivem em grupo, das relações estabelecidas e suas consequências, destacando a educação como primordial, sendo importante para entendermos os resultados desse relacionamento humanos.

A sociedade Grega é considerada o berço da nossa civilização. Os gregos contribuíram muito para a nossa educação e também ideais de formação humana. Desenvolveram filosofia, esporte, tecnologia, artes. Havia grandes desigualdades sociais e a educação era totalitária, uma educação militar e cívica.

Sócrates contribuiu para a pedagogia através do método do diálogo, onde o filósofo ressalta que o aluno deve construir seu conhecimento.

Através desse método, contestava a educação de Esparta, autoritária, repressiva que defendia o subjetivo humano à pedagogia de Sócrates, que buscava o caráter universal, valorizando a personalidade humana.

O teórico WOOD afirma que

Enquanto a democracia ateniense teve o efeito de quebrar a oposição ancestral entre governantes e produtores, ao transformar camponeses em cidadãos, a divisão entre proprietários governantes e súditos camponeses foi condição constitutiva da “soberania popular” que surgiu no início da Europa moderna. De um lado, a fragmentação do poder do soberano e o poder da aristocracia que constituíram o feudalismo europeu, o controle da monarquia e da centralização do Estado exercida por esses princípios feudais, seriam a base de uma nova espécie de poder “ilimitado” de Estado, a fonte do que viriam a ser chamados de princípios democráticos, tais como o constitucionalismo, a representação e as liberdades civis (WOOD, 2003, p. 178)

Com o surgimento da democracia, os cidadãos teriam uma ordem a seguir, onde o mais poderoso, no sentido de exercer controle sobre uma parte da população, dita as regras e os menos favorecidos obedecem.

Democracia pode ser entendida como o regime de um governo, onde pessoas eleitas através do voto tomam decisões cabíveis para a ordem de um país, de acordo com a sua constituição. Com os poderes legislativo, executivo e judiciário, o Estado exerce o poder sobre a nação. Para elucidar as relações e poder, Foucault, 2003 ressalta que

[...] as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, micro lutas de algum modo. Se é verdade que estas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder. O que seria o poder de Estado, aquele que impõe, por exemplo, o serviço militar, senão houvesse em torno de cada indivíduo todo um feixe de relações de poder que o liga a seus pais, a seu patrão, a seu professor – àquele que sabe, àquele que lhe enfiou na cabeça tal e tal idéia? (FOUCAULT, 2003, p. 231).

Segundo Freire 1979, todo indivíduo tem uma obrigação com a sociedade, sua ação constitui um compromisso que se aproxima da essência do ato comprometido, estar no mundo e saber-se nele, intencionar sua forma de ser e estar dentro de uma sociedade.

No Império Romano, a sociedade era patriarcal. Cada família seguia a figura do homem, onde o pai é o patriarca que coordena todas as decisões, seguidas também dentro da sociedade. Era uma cultura influenciada pela tradição religiosa, mais precisamente o cristianismo, onde a Igreja ditava as regras a serem seguidas. Assim sendo

pelo seu caráter de doutrina moral e explícita, o cristianismo povoou as almas de um certo número de essências que, a partir de então, servirão para combater a realidade: a partir daí as pessoas tinham representações em matéria de moral, e tais representações contavam muito – as pessoas tinham-se tornado verdadeiramente capazes de sofrer, de se reprimir ou de perseguir em nomes de símbolos. E, através destas essências liam a realidade, o tempo do pensamento essencialista surgiu, entendeu-se por exemplo, que sociedade em que se vivia era cristã por essência, as rupturas eram apenas acidentes. O que explica o traço mais paradoxal de toda a história: o cristianismo triunfou, no seu tempo, por razões de actualidade, próprias da sociedade e da mentalidade do Alto Império, do qual adoctara, em parte, a nova ética. [...] (VEYNE, 1990 p.191)

Na sociedade romana, a mulher tinha sua sexualidade reprimida. A mulher era dependente do pai ou do marido, sendo considerada inferior. A ela era concedido apenas o

direito de ter filhos, esses por sua vez eram abandonados em sinal de protesto político ou religioso.

[...] O importante, nessa questão, era o facto de a moral e mesmo o direito público considerarem tudo isto legítimo; estamos numa sociedade em que os comportamentos sexuais consentidos variam consoante as classes sociais. A moral sexual romana não é uma moral no sentido moderno da palavra: é uma questão de statu, não de virtude, de gestos exteriores, não de repugnâncias interiores [...] (VEYNE 1990 p.174)

Quanto à sua decadência, houve transformação da instituição do matrimônio. O autor enfatiza tal afirmação quando diz que

A melhor prova de que a bissexualidade é o dado primário, enquanto a heterossexualidade é uma escolha cultural é que, mesmo nas sociedades que a homofolia é eficazmente proibida, tal proibição nunca se torna de facto, visceral. Os indivíduos, sem dúvidas, não tem desejos homofólicos, pensam na homofolia com horror e estão persuadidos de que, se passassem aos factos, se sentiriam mal: e, contudo, passam as vias e facto realmente e não se sentem absolutamente nada mal. (VEYNE, 1990 p.179).

O machismo surge então, e se apresenta mais intolerável na antiguidade que nos dias atuais. De acordo com o autor VEYNE 1990, (p.179), isso se dá pelo fato de o caráter íntimo dos futuros homens serem formados nas escolas e no exército, pois quando não estavam mais em serviço, os jovens soldados eram encorajados a se comportar virilmente com as mulheres.

[...] é sabido que os homens têm a faculdade de não ver a realidade: não se dão conta da contradição que frequentemente existe entre os dogmas professados e a realidade da sua aplicação; o seu pensamento é essencialista: tal sociedade é crista, é caritativa ou casta, e os desvios, (bastardos, exposição dos recém nascidos, etc.) são considerados como essenciais, não porque sejam raros, marginais, mas porque, por mais numerosos que sejam, não atentam contra a norma essencial. Com efeito, ver-se-á nisso ou numa concessão necessária que, em nome do realismo, se deve fazer ao mundo tal como este é feito, ou então a consequência de um conflito entre imperativos igualmente sacros; ou ainda, mais simplesmente não se descobrirá mesmo nenhuma contradição entre a norma essencialista e a realidade considerada não essencial. (VEYNE 1990, p.192).

No Brasil, o Estado Democrático é constituído por governantes que são eleitos através de campanhas políticas nas quais os votos são dirigidos para os candidatos, sendo escolhidos pela maioria da população. Ao agir, o sistema deve manter consonância com as leis que garantam os direitos da população. São embasados para garantir a liberdade civil e os direitos humanos.

Todavia o ser humano não compreende a sua atuação no capitalismo, tornando-se um ser passivo e conformado com a sua condição, não sendo capaz de atuar para transformar tal realidade. Sobre a desigualdade, Rousseau salienta que

Enquanto os homens se contentaram com as suas cabanas rústicas, enquanto se limitaram a coser suas roupas de peles com espinhos ou arestas de pau, a se enfeitarem com plumas e conchas, a pintar o corpo de diversas cores, a aperfeiçoar ou embelezar os seus arcos e flechas, a talhar com pedras cortantes algumas canoas de pesca ou grosseiros instrumentos de música; em uma palavra, enquanto se aplicavam exclusivamente a obras que um só podia fazer, e a artes que não necessitavam o consumo de muitas mãos, viveram livres, são, bons e felizes, tanto quanto podiam ser pela sua natureza, e continuaram a gozar entre si das doçuras de uma convivência independente. Mas, desde o instante que um homem teve necessidade do socorro de outro; desde que perceberam que era útil a um só ter provisões para dois, a igualdade desapareceu, a propriedade se introduziu, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas se transformaram em campos risonhos que foi preciso regar com o suor dos homens, e nos quais, em breve, se viram germinar a escravidão e a miséria, a crescer com as colheitas (ROUSSEAU, 2007, p. 67-68).

O autor supracitado enfatiza que a sociedade teve a necessidade de se estabelecer e essa organização fez surgir a desigualdade devido à existência das relações de poder. Quando se fala em relações de poder, surge a ideia de desigualdade social, que é fomentada pelo capitalismo, onde sua lógica gira em torno do aumento de rendimentos. Tendo, segundo Saviani, 2003

a função de mascarar os objetivos reais através dos objetivos proclamados é exatamente a marca distintiva da ideologia liberal, dada a sua condição de ideologia típica do modo de produção capitalista o qual introduziu, pela via do “fetichismo da mercadoria”, a opacidade nas relações sociais. Com efeito, se nas sociedades escravista e feudal as relações sociais eram transparentes já que o escravo era, no plano da realidade e no plano da concepção, de fato e de direito, propriedade do senhor e o servo, por sua vez, estava submetido ao senhor também de fato e de direito, real e conceitualmente, na sociedade capitalista defrontam-se no mercado proprietários aparentemente iguais, mas de fato desiguais, realizando, sob a aparência da liberdade, a escravidão do trabalho ao capital. Instala-se a cisão entre a aparência e a essência, entre o direito e o fato, entre a forma e o conteúdo (SAVIANI, 2003, p. 191).

Esse modo de produção capitalista faz surgir um paradoxo em relação à democracia, pois fomenta a abstração da liberdade e oculta a desigualdade social.

A instituição escolar tem condição de transformar a passividade política quando consegue alterar o modo de pensar e agir do indivíduo. Severino afirma que

A escola se caracteriza, pois, como a institucionalização das mediações reais para que uma intencionalidade possa tornar-se efetiva, concreta, histórica, para que os objetivos intencionalizados não fiquem apenas no plano ideal, mas ganhem forma real (SEVERINO, 1992, p. 13).

1.2 Desigualdade Social:

O Brasil é um país que foi gerado através da desigualdade social, pois desde seu “descobrimento” pelos portugueses, servia como colônia de exploração. Logo depois, estrangeiros, italianos, franceses e os escravos que já habitavam solo brasileiro serviam de mão de obra barata. Assim, a nação foi crescendo carregando o fardo de ser desigual, com poderosos e servis.

Com o esgotamento do trabalho no campo, grande parte dos trabalhadores ficaram desempregados dando origem ao êxodo rural; outro contribuinte para o aumento da desigualdade social, onde grande população em massa migrava para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida. Sem estudo e/ou aptidão para o trabalho, acomodava-se às margens das grandes cidades em situação precária, formando assim as favelas.

O grau de desigualdade social do Brasil é considerado alto, pois trata-se de um país capitalista onde a riqueza é concentrada apenas numa minoria da população. Hobsbawm, 1917 enfatiza que

Nos países pobres entravam na grande e obscura economia “informal” ou “paralela”, em que homens, mulheres e crianças viviam, ninguém sabe exatamente como, por meio de uma combinação de pequenos empregos, serviços, expedientes, compra, venda e roubo. Nos países ricos, começavam a construir ou reconstruir uma “subclasse” cada vez mais separada e segregada, cujos problemas eram de facto encarados como insolúveis, mas secundário, pois eles formavam apenas uma minoria permanente. (Hobsbawm, 1917, p. 405)

Esses detalhes fazem o aumento da criminalidade, onde a necessidade de sanar suas misérias faz do crime uma solução rápida para os problemas cotidianos. Em uma sociedade organizada pelo sistema capitalista, a divisão do trabalho, do conhecimento e da produção são bastante desiguais. O dinheiro numa sociedade capitalista é sinônimo de poder. Sobre esse assunto, o teórico Michael Foucault ressalta que

[...] as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme [...]. (FOUCAULT, 2003, p. 232).

Na citação supracitada, Foucault enfatiza sua concepção de sujeito submisso, estagnado que se conforma com sua condição e destaca o discurso do dominante que não quer rebaixar da sua posição. Cultura é o conjunto de conhecimentos definida em ciências sociais que está ligado a ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, passados de geração em geração, agindo, atuando e transformando o meio em que vive.

De acordo com a socióloga Kruppa, 1994, o sujeito é um ser em constante construção. O seu modo de se organizar para viver o cotidiano denomina-se cultura. A mesma salienta que “A forma de organização do trabalho e, portanto da cultura é diferente entre os povos e entre os diferentes momentos históricos. (1994, p.22)

A cultura está extremamente associada ao estudo, à educação e à formação escolar. Divide-se em duas visões: A primeira como sendo aspectos de uma realidade social, dirigida a todos e a segunda que está ligada especificamente ao conhecimento, às ideias e às crenças de um povo.

Santos, 1949 enfatiza que:

[...] cultura é a dimensão a sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas. (SANTOS, 1949, p.50)

Nossa realidade é marcada pela indústria cultural, onde há a comunicação em massa que é considerada um elemento da vida social. Esta por sua vez homogeneiza de certo modo as classes populares, tentando padronizar o seu modo de vida, controlando- as, fazendo-as “produzir, consumir e se conformar com seus destinos e sonhos.” (SANTOS, 1949 p. 66).

Também disseminam comportamentos, age como pacificadora de conflitos sociais, sendo esses, importante para a dominação das classes favorecidas sobre as classes desfavorecidas. Todavia, apesar de a cultura estar próxima das relações de poder, ligadas ao processo social, o autor SANTOS, 1949, destaca a importância da cultura nesse processo de mudança:

É por isso que as lutas pela universalização dos benefícios da cultura são ao mesmo tempo lutas contra as relações de dominação entre as sociedades contemporâneas, e contra as desigualdades básicas das relações sociais no interior das sociedades. São lutas pela transformação da cultura. (SANTOS, 1949, p.86)

Demerval Saviani enfatiza que o homem possui indigências que precisam ser desempenhadas e isso o leva aos valores e a valorização. Necessita ter um padrão dominante de valores. Sendo autônomo, atua sobre as situações que necessitam serem aceitas, rejeitadas ou transformadas.

A cultura não é outra coisa senão, por um lado, a transformação que o homem opera sobre o meio e, por outro, os resultados dessa transformação. O homem é então capaz de superar os condicionamentos da situação; ele não é totalmente determinado; é um ser autônomo; um ser livre. E a liberdade abre ao homem um novo campo amplo para a valorização e os valores. Sendo a liberdade pessoal e intransferível, impõe-se aqui o respeito a pessoa humana; como eu sou um sujeito capaz de tomar posições, de avaliar, fazer opções e me engajar-me por elas, assim também aquele que vive ao meu lado, perto ou longe, é igualmente um sujeito e jamais um objeto. (SAVIANI, 1944 p.45)

A cultura compreende-se por tudo aquilo que é transformado pelo homem e que de certo modo, transforma-o.

O teórico Pierre Bourdieu ressalva que o sujeito não está padronizado sobre as diferenças entre os moldes de gostos e consumos. Todavia afirma que o gosto é resultante de uma educação cultural adquirido através da família e o capital cultural é adquirido pelo ensino formal. A respeito, Bordieu afirma que “a relação que um indivíduo mantém com a cultura depende, fundamentalmente, das condições pelas quais ele a adquiriu, mormente porque o ato de transmissão cultural é, enquanto tal, a atualização exemplar de um certo tipo e relação com a cultura”. (Bordieu 1989, p. 218).

O mesmo autor enfatiza que a cultura é não nata do indivíduo, mas adquirida historicamente e a constância dessas diferenças sociais está arraigada pelo sistema educacional, pois a escola não só aponta tais diferenças como também contribui para essa segregação. A cultura erudita fornecida pelas escolas é totalmente diferente da cultura transmitida pelos seus semelhantes.

2. EDUCAÇÃO: a nova realidade, atendendo a todos que compõem a sua população, que na sua maioria, é composta pelos excluídos.

Educação é um conjunto de conhecimentos transferidos para a geração seguinte. São costumes, hábitos, e valores que de acordo com a autora Kruppa, 1994, ocorre em todos os lugares onde estejam. No âmbito escolar a educação é formal e o ensino é dirigido. Na educação informal, o saber é passado dos mais velhos para os mais novos.

A autora Kruppa salienta que

O homem diferentemente de outros animais, não nasce com suas capacidades desenvolvidas. É ao longo de sua vida, pelas relações que estabelecem com outros homens, no processo de socialização, que ele as desenvolvem. Uma das razões pelas quais isso ocorre é que o homem nasce e mantém, enquanto vive, a capacidade e aprender e de ensinar, transmitindo, mas também produzindo e modificando, os conhecimentos e a cultura. A educação está ligada diretamente a esta capacidade, é parte do processo e socialização que humaniza o homem, isto é, que propicia o desenvolvimento de suas capacidades. (Kruppa, 1994 p.26)

Paulo Freire (1979) ao falar sobre o homem e a educação, salienta que:

[...] O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante e ser mais e, como pode fazer essa auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que esta em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (Freire, 1979, p.27)

O sujeito estará apto para a educação se reconhecer ser um ser inacabado, que está sempre em construção.

A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é homem. O homem deve ser sujeito de sua própria educação. Não pode ser o sujeito dela. Por isso ninguém educa ninguém. (Freire, 1979 p.28)

2.1 Educação: como se concretiza?

Educação origina-se do latim 'Educere' que significa tirar, extrair, desenvolver um processo que tem início no ser humano nato e se estende até sua morte. Trata-se de um processo ininterrupto, onde o indivíduo sofre mutações de acordo com seus estímulos. É uma atividade criadora, que tende a levar o sujeito a desenvolver suas capacidades físicas, morais, espiritual e intelectual.

De acordo com Durkheim é uma prática social que passa de geração em geração, reproduzindo nos sujeitos socialmente envolvidos tipos de saberes específicos.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (Durkheim, 1978 p.41)

Foi através do sociólogo Emile Durkheim que a educação passou a ser avaliada como uma prática social, onde origem e destino são a sociedade e cultura, buscando esclarecer como as mesmas funcionam.

As instituições de ensino de acordo com a legislação que vigora a favor da educação Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (LDB) deveriam oferecer educação a todos os cidadãos, porém não está cumprindo o seu papel. Essa crise escolar tem caráter mundial como enfatiza Saviani:

[...] escolas mal equipadas, falta de professores e um número enorme de diplomados do 2º grau que continuam sem saber ler, escrever e fazer contas, que não passariam no mais tolerante dos testes de aptidão. O índice de evasão relativo aos alunos que freqüentam a escola secundária se aproxima dos 30%. Mas o sintoma mais alarmante do fracasso da escola pública talvez não esteja nos que pulam fora, e sim nos que permanecem dentro e não aprendem nada. Os especialistas chamam-nos de “analfabetos funcionais”: embora possuam diplomas, isto é, sejam nominalmente alfabetizados, na prática são incapazes de entender, por exemplo, como funciona o metrô, e não conseguem consultar uma lista telefônica ou ler uma bula de remédio. Em Nova York, segundo as últimas pesquisas, há 2 milhões de indivíduos nessas condições.¹ (Saviani, 1992, p. 10).

Essa crise se dá pelo fato de a educação, principalmente no Brasil, ser deixada para segundo plano. Dentre outros motivos podemos citar cortes de verba, baixos salários, decadência na qualidade de ensino, perda de pessoal qualificado.

A escola não se adequou ao seu objetivo que seria atender a todos, mas atenda a uma minoria da população; que se destina a classe média, servindo o diploma não como subsídio para redução da estratificação social, porém aumentando ainda mais essa diferença. O certificado serve como instrumento de distinção social, aumentando ainda mais o nível de desigualdade social. Esses cidadãos marginalizados ficam privados de exercer seus direitos políticos, acessos culturais e profissionais que exigem algum nível de escolarização.

Esse círculo vicioso em que se encontra a educação está longe de cessar, visto que esse alunado marginalizado introduziu na sala de aula sua história de vida, sua alienação e violência gerando repetências e evasão, características que massificaram a Educação.

Essa abertura aos menos favorecidos foi a principal causa da deterioração do ensino. Dito isso, o sistema não toma atitudes favoráveis em relação à educação, pois não lhe convém. Com isso, o neoliberalismo prevalece.

Sobre o neoliberalismo, Chauí acrescenta

Num país como o Brasil, cuja sociedade é autoritária, e jamais conheceu o Estado e Bem-Estar (...) o neoliberalismo parece uma aberração, o pós modernismo parece mais uma ideia fora do lugar e, a terceira via, um catecismo para incréus. No entanto, observando mais de perto, as coisas não são exatamente como parecem. De fato, o neoliberalismo nos cai como uma luva porque afirma ideias e práticas antidemocráticas; o pós modernismo político nos assenta muito bem porque reforça o personalismo e responde adequadamente à tradição populista de nossa política; e a terceira via oferece um discurso apaziguador que dissolve contradições e conflitos com ideias de “terceiro setor”, e de comunidade solidária, isto é, com a transferência das responsabilidades estatais para a benemerência dos ricos com relação aos pobres, reforçando a tradição assistencialista da sociedade brasileira. (Chauí, 2001, p. 34)

No entanto se a escola pública pretende reverter essa situação e permanecer leal à sua idoneidade, deverá se ajustar à nova realidade, atendendo a todos que compõem a sua população, que na sua maioria, é composta pelos excluídos. Esse atendimento deverá acontecer de maneira satisfatória de modo que o indivíduo se sinta incluído novamente. Falar em inclusão seria uma dicotomia visto que se a escola é para todos, não deveria ter exclusão.

Para isso a escola deverá fazer as mudanças necessárias de modo a repensar sua didática, metodologia juntamente com a conduta e o disciplinamento dos atendidos no processo educativo.

Essa abertura da escola aos marginalizados não acarretou vantagens ao ensino, porém teve efeito contrário. Fez com que se gerasse o paternalismo, pois os alunos não têm motivação para estudar. Não se preocupam em repetirem o ano visto que seus pais não têm gastos financeiros pelo fato de a escola ser totalmente gratuita e ainda oferecer materiais totalmente grátis. Isso torna os alunos passivos em relação ao ensino ser de má qualidade. São despreocupados com o conteúdo, independente de estarem aprendendo ou não.

Esses estudantes estão na escola porque são obrigados por seus pais, pois se não mandam seus filhos frequentemente às aulas, os responsáveis respondem judicialmente pelo descaso. Muitos alunos também estão na escola graças a algum programa social que beneficia

famílias com filhos em idade escolar. Uma das implicações desfavorável desse programa seria o incentivo à grande taxa de natalidade, onde famílias se motivam a ter filhos para receber tal benefício.

Para explicar de maneira sucinta o paternalismo supracitado usaremos como exemplo os serviços sociais de ajuda financeira oferecidos pelo governo como auxílio a desempregados, às mães solteiras e /ou família com número excessivo de filhos. Esses benefícios estimulam negativamente os indivíduos, fazendo com que os desempregados continuem na mesma situação e as mulheres são estimuladas a procriar.

Adverso a esse pensamento decadente, ocorre na classe média, onde as famílias tendem a fazer certo controle de natalidade, para que possa investir de maneira satisfatória na educação de seus filhos. Já nas elites, os investimentos também, segundo Bourdieu, 1998, são moderados. Quem investe na educação dos filhos é a classe média em razão do status social e/ou garantir um futuro promissor para seus filhos.

Para mencionar o gasto respectivo de uma criança, o teórico salienta que é respectivamente

[...] baixo para famílias com renda mais baixa que, não podendo vislumbrar para os filhos um futuro diferente de seu próprio presente, fazem investimentos educativos extremamente reduzidos e baixo também para as famílias dotadas de renda elevada, já que a renda cresce paralelamente aos investimentos e atinge um máximo que corresponde às rendas médias, isto é, as classes médias forçadas, pela ambição da ascensão social, a fazerem investimentos educativos relativamente desproporcionais aos seus recursos. (Bourdieu,1998, p.98)

A família pobre não investe na educação de seus filhos por não terem condições. A classe média alta não se preocupa com o investimento por já terem herdeiros com um futuro garantido, restando a classe média que investe satisfatoriamente para que seus filhos melhorem ou continuem na mesma, mas nunca desçam no nível social. Geralmente as famílias de classe média eram mais pobres que conseguiram se elevar financeiramente por esforço do trabalho.

2.2 Teses, artigos e dissertações

As pesquisas feitas em teses, dissertações e artigos corroboraram com o presente trabalho para reforçar as ideias a serem desenvolvidas.

Com a investigação das obras de teóricos que abordam o tema em questão, garantindo a objetividade, credibilidade e enriquecimento do texto.

O presente artigo Pobreza, relações étnico-raciais e cotidiano escolar: narrativa do viver foi pesquisado por Andréa Borges de Medeiros na Universidade Federal de Juiz de Fora e publicado na Revista Brasileira de Educação, embasado na observação do cotidiano de uma criança de nove anos, com o intuito “de torná-lo público e, desse modo, evidenciar a humanidade vivida pela criança para reconstruir a si mesma e os seus contextos.”(p.168)

A autora começa descrevendo Joana e sua forma e vida, moradia, família e social, com a pretensão de questionar seu discurso e investigar o processo de construção de crianças afro descendentes na escola.

As particularidades e as singularidades dadas a ler nas linhas e entrelinhas dos textos sugerem experiências partilhadas, porque revelam a existência de dramas que afetam não somente Joana e seus familiares, mas a tantos outros que vivem mazelas advindas da pobreza, como, por exemplo, a privação material, a exclusão social e diferentes formas de discriminação e preconceito (p.169).

A pesquisadora apresenta a história de Joana: uma vida de abandono, desprezo, descaso e violência. Quando a família negligenciava algo em relação à menina, a pesquisadora cobrava da escola que por sua vez se recusava a ajudar alegando não ser responsabilidade da escola. A convivência entre ambas faz surgir um sentimento de afeto e confiança, tanto que a pesquisadora resolve fazer algo pela menina, visto que ela precisava de cuidados médicos e não tinha quem a socorresse. Através do estudo, a professora percebe que não somente deveria expor a história de vida de Joana, mas de algum modo ajudá-la a transformar sua trajetória indicando outra perspectiva. Subsequente ao episódio do hospital, a pesquisadora vai visitar Joana e nota a negligência por parte da mãe em relação à menina. Oferece ajuda e, como a mãe nega-se a receber o auxílio, a pesquisadora vai embora e chora, pois criou um laço de afeto com a menina.

A observação continua e Joana leva materiais recolhidos do lixo para presentear a pesquisadora. Através deles, conta um mundo imaginário onde a realidade vem à tona várias vezes, mostrando um conhecimento de vida e passividade em sua triste realidade.

Joana também questiona sua cor e seu desejo em ser uma mulher bela e branca. A opinião e o afeto familiar em relação a si são de extrema importância. Presenciava as brigas constantes dos pais, mas amava seu pai e respeitava sua mãe, obedecendo-a para atrair sua atenção. Certo dia a professora de Joana reclama por seu dever estar sujo. Relutante, a pesquisadora resolve conversar com Joana sobre tal e descobre que a menina, além de vender

latinhas diariamente para ajudar na renda da família, não possuía eletricidade em casa. Após uma longa jornada de trabalho, voltava para casa quando já estava escuro, e ao fazer sua tarefa, acontecia de sua folha cair no chão de terra batida que conseqüentemente se sujava. Daí o motivo pelo qual todos os cadernos de Joana eram tão sujos. Joana tinha marcas em si do seu passado histórico, autobiográfico, e imprimia em outro tempo as marcas da sua vida. A pesquisa nos transmite a vida de uma criança sofrida e a escola sempre foi avulsa sobre isso. O texto serve para corroborar com a prática docente em questão ao social do aluno, que não deve ser ignorado. A escola deve intervir na vida pessoal do aluno sempre que o mesmo apresenta situação de risco e/ou quando o mesmo tem desvios que prejudicam sua formação acadêmica. A escola se manter avulsa sobre os fatos é como se ela contribuísse para o fracasso do estudante.

No presente artigo, os autores Silvia Cristina Yannoulas (Universidade de Brasília) Samuel Gabriel Assis (Instituto Federal de Brasília) Kaline Monteiro Ferreira (Universidade de Brasília) indagam produções acadêmicas sobre a relação entre a situação de pobreza e educação formal, com o objetivo de levantar dados, estabelecer tipologias, analisar questões do tema supracitado. A educação formal é vista como nível de escolaridade, destacando a educação infantil como a mais importante, pois é ela que trata da formação do sujeito, considerando que a escola seria o começo para a mudança social do indivíduo. A afirmação do pressuposto que a educação acarretará uma quebra desse círculo vicioso resulta em dois pólos antagônicos, sendo o positivo salientando a escola como o antídoto para a pobreza e outro negativo, afirmando a educação ser uma mera reprodutora da ordem social já estabelecida. Grande parte dos artigos estudados baliza suas indagações sobre a expectativa de classe que seria a estratificação social, onde cada um se apresenta com pessoas de sua mesma situação econômica. A pobreza deve ser combatida e evitada. Em relação à temática de gênero, observaram-se três categorias-chave utilizadas sucessivamente pelas acadêmicas feministas: sexo, gênero e sexualidade

A questão gênero é abordada de maneira superficial, sendo apresentada como um recorte, destacando motivos de evasão escolar devido à gravidez na adolescência. Apresentada apenas como um recorte, a questão racial constitui a mais frágil relacionando educação formal e situação de pobreza. A complexibilidade da educação se dá pela relação Estado-sociedade, onde há a uma mistura de quatro perspectivas: educativa, política, econômica e cultural. As escolas hoje são muito mais do que um espaço educacional, pois atendem à necessidade da população mais pobre, como alimentação e nutrição, saúde e higiene, vestuário, renda e até o bolsa família onde há um acompanhamento mais próximo dessas crianças.

As professoras citadas no presente artigo indagam que a instituição de ensino deve se preocupar exclusivamente com a aprendizagem e não com questões relacionadas à situação de pobreza ou à desigualdade social. O aluno muito pobre torna-se um infortúnio na vida do professor tornando-se o aluno tolerado.

A escola deve cumprir seu papel de educar e sanar os cuidados básicos humanos, mas não deve atender a todas as áreas defasadas na vida de uma criança. Seria uma ilusão atribuir à melhoria da justiça social à escola visto que a educação formal é necessária para o exercício da cidadania, mas não possui condições suficientes para uma radical mudança da sociedade.

Educar os alunos sem levar em conta sua condição social é impossível visto que o mesmo faz parte da sua vida. Vão estar ligados ao seu pensamento problemas do cotidiano que serão levados para dentro da sala de aula. Não há como dissociar a realidade do aluno. O professor deve ter uma mente aberta e estar sempre disposto ao diálogo para ajudar seu aluno.

O artigo tem como objetivo debater o conceito de exclusão social dentro de diferentes âmbitos da nossa sociedade e analisar como essa exclusão afeta o sistema escolar.

Há décadas nota-se uma preocupação sobre como a escola reproduz as diferenças sociais. De acordo com a tese defendida por Boudieu e Passeron, a desigualdade só fez aumentar de acordo com o crescimento no nível de escolarização, além de culpar o indivíduo pelo seu próprio fracasso escolar.

Considerando o contexto acadêmico, há uma necessidade de explicar a exclusão social, analisando aqueles que não possuem aspecto físico, econômico e comportamental são seres marginalizados, ou seja, estão à margem da sociedade por não se encaixarem no “núcleo social”. Esses são desempregados, homossexuais, moradores de rua, deficientes físicos, mentais ou sensoriais, negros, indígenas, minorias étnicas, prostitutas entre outros.

Há uma homogeneidade entre esses grupos e movimentos idealizados, predeterminada para a inclusão dos mesmos. Essa equiparação ocorre desde a mitologia grega, no mito do Leito de Procusto, que não aceitava indivíduos que não se encaixavam no seu “molde padrão”.

Fazendo uma simplória analogia entre as instituições de ensino e o mito, notamos que não fazemos diferente de Procusto no âmbito escolar.

O “acúmulo das desvantagens sociais” como desemprego, condições precárias de moradia, de acesso aos bens sociais, pobreza, exposição à violência são comuns entre os excluídos. O autor critica a expressão “exclusão” e seu uso constante, que reforça ainda mais sua categoria. O processo de individualização do capitalismo faz a culpa do próprio sujeito por sua condição, já que a política neoliberal prega chances para todos de acordo com seus empenhos.

Em destaque estão os grupos com a população mais desfavorecida economicamente e que se encontram privados daquilo que deveria pertencer a todos.

As dinâmicas da pobreza e da exclusão podem ser analisadas:

Sócio-histórico: Considera o processo de inaptações da migração, por exemplo.

Sócio-institucional: São as instituições e sua atuação.

Sócio-antropológico: Histórico de vida.

Quanto à exclusão no sistema escolar, o autor Dubed (2008) afirma que a escola é responsável pelo grande número de jovens desempregados, por não oferecer suporte necessário para sua formação, porém descarta a tese afirmando não haver lugar para todos no mercado de trabalho. Outra posição do autor é considerar a escola positiva em relação à exclusão.

A indagação na década de 60 em relação à escola foi a estratificação social causada pela mesma e suas exigências na maioria das vezes beneficia apenas grupos sociais específicos.

Devemos ter em mente que são inúmeros fatores que contribuem para as desigualdades sociais. Porém, a escola sendo um direito de todos, deve sanar essas diferenças e incluir a todos independentemente da sua classe social.

3 EDUCAÇÃO: A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO

De acordo com o sociólogo Meksenas (1992), entende-se por educação todo tipo de ensinamento, transmissão de experiências do cotidiano, o que é passado para o próximo, o que acumula hereditariamente o saber, o modo de sobrevivência e as várias formas de compreensão de mundo. O autor conclui que

[...] Nasce assim a educação: maneiras de transmitir e assegurar a outras pessoas o conhecimento de crenças, técnicas e hábitos que um grupo social já desenvolveu a partir de suas experiências de sobrevivência.
(MEKSENAS, 1992, p.38)

O autor supracitado alega

Que a educação também é dimensão essencial na evolução o ser humano, pois em cada conquista rumo a civilização também se faz presente a necessidade de transmissão aos semelhantes. A educação nasce como meio de garantir a outras pessoas aquilo que um determinado grupo aprendeu.
(MEKSENAS, 1992, p.38)

A educação assistemática ou informal é dada de modo instintivo, através de trocas cotidianas com o próximo e as relações com o meio em que está inserido. Ocorre fora do âmbito escolar.

Segundo Luckesi, 1994 (p. 30) a educação se caracteriza por uma inquietação com um intuito a ser atingido. O autor fomenta que

A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentam e orientem os seus caminhos. A sociedade dentro da qual ela está deve possuir alguns valores norteadores de sua prática. (Luckesi, 1994 p. 30)

A educação sistematizada ocorre em um ambiente escolar. Estas estão sujeitas às exigências de funcionamento como qualquer outra instituição que trabalha com pessoas.

O autor Saviani corrobora com as diferentes formas de educar alegando que

[...] as pessoas comunicam-se tendo em vista objetivos que não o de educar e, no entanto, educam e educam-se. Trata-se, aí, da educação assistemática [...]; ocorre uma atividade educacional, mas ao nível da consciência irrefletida, portanto, não intencional, ou seja, concomitantemente a uma outra atividade, esta sim desenvolvida de modo intencional. Quando educar passa a ser objeto

explícito da atenção, desenvolvendo-se uma ação educativa intencional, então se tem a educação sistematizada. (SAVIANI, 2009, p. 60).

Segundo Saviani 2009, a educação erudita que ocorre no ambiente escolar tem como objetivo formar o homem culto

Entendo que a educação e política, embora inseparáveis não são idênticas. Trata-se de práticas distintas, dotadas cada uma de especificidade própria. (...) em política, o objetivo é vencer e não convencer. Inversamente em educação o objetivo é convencer e não vencer.
(SAVIANI, 1983, p.85-86)

Os conceitos presentes no trabalho têm por objetivo gerar uma razão que nos faça acreditar que a emancipação tenha cunho educativo e que leve o sujeito à liberdade e que essa construção possa levá-lo ao entendimento e à busca pessoal como sujeito no mundo. Para tal, Freire acrescenta

O que quero dizer é que a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem, se tornou, ao longo da aventura no mundo dos seres humanos, uma conotação de sua natureza, gestando-se como a vocação para a humanização [...] Em outras palavras e talvez reiteradamente, não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar emaranhado numa certa prática educativa. E entranhado não em termos provisórios, mas em termos de vida inteira. O ser humano jamais para de se educar. (FREIRE, 2014, p.26)

O objetivo da educação é formar os indivíduos plenamente. Através da educação o sujeito poderá transformar sua vida e cultural, social e conseqüentemente a sociedade, pois se é através da educação que o sujeito torna-se autônomo e assim adquire o poder de liberdade para transformar a sociedade, essa por sua vez transformará o sujeito e vice versa. É um conjunto de trocas. Considerando que a educação busca promover o homem, é através da necessidade humana que determinará a função de transformação que cabe à escola.

Quanto à realidade do homem brasileiro, Saviani, 1944(p.49) salienta que é preciso encarar sua realidade existencial concreta, definindo os seguintes objetivos para a educação brasileira:

1. Educação para a subsistência: para o homem que não sabe tirar proveito da situação
2. Educação para a libertação: para o homem que não sabe tomar decisões.
3. Educação para a comunicação: para o homem que não possui a comunicação intersubjetiva.

4. Educação para a transformação: para uma mudança do panorama nacional atual, geral e educacional.

Quando o sujeito percebe tais transformações através da educação, novos valores surgem, causando sua desalienação. Com isso, o indivíduo passa a querer participar mais de decisões, manifestando e reivindicando.

As massas passam a exigir voz e voto no processo político da sociedade. Percebem que outros têm mais facilidade que eles e descobrem que a educação lhes abre uma perspectiva. Às vezes emergem em posição ingênua e de rebelião e não revolucionária ao se defrontarem com os obstáculos. Começam a exigir e a criar problemas para as elites. Estas agem torpemente, esmagando as massas e acusando-as de comunismo. As massas querem participar mais na sociedade. As elites acham que isso é um absurdo e criam instituições e assistência social para domesticá-las. Não prestam serviços, atuam paternalisticamente, o que é outra forma de colonialismo. Procura-se tratá-las como crianças para que continuem sendo crianças. (Freire, 1979 p. 37)

A presença das massas no processo se dá pela participação das mesmas, agindo, e conseqüentemente transformando-a. Torna-se consciente quando se compromete com a sua realidade.

Bourdieu alega que

para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (Bourdieu, 1998, p. 53)

Na perspectiva de Bourdieu, a escola deve ser neutra e não arbitrária, de modo que a mesma desenvolveria seu papel aplicando a equidade entre a instituição e seus alunos, pois se tratar de maneira igual estaria reproduzindo as desigualdades já existentes.

O professor não pode reproduzir seu modo de vida. Se ainda se encontra na alienação, o docente deve antes de tudo se tornar um sujeito autônomo. Não deve reproduzir sua condição para os seus alunos.

Newton Duarte afirma que

se o trabalho educativo se reduzir, para o educador, a um simples meio para a reprodução de sua cotidianidade alienada, esse trabalho não poderá se efetivar enquanto mediação consciente entre o cotidiano do aluno e a atuação desse

aluno nas esferas não cotidianas da atividade social. A atividade educativa se transformará, também ela, numa cotidianidade alienada, que se relacionará alienadamente com a reprodução da prática social (DUARTE, 2007, p. 56).

Os comportamentos sociais são embasados nas relações e interação que temos com o outro. Para participarmos integralmente da sociedade, ter comportamentos que são julgados adequados, frequentar uma instituição de ensino é de extrema importância. Demerval Saviani enfatiza que

Vale lembrar que para ser cidadão e para participar da vida em sociedade, bem como para ser trabalhador produtivo, é necessário a escolarização, ou seja, o ingresso na cultura letrada. O processo de escolarização é um processo formalizado e sistematizado. Assim entende-se que a escola é a instituição que propicia de forma sistemática o acesso a cultura letrada (SAVIANI, 2003, p. 3).

No âmbito fora da escola o conhecimento dá-se pela necessidade de sobrevivência. É adquirido de maneira espontânea de acordo com as necessidades. Na escola o conhecimento é sistematizado, produzido e transmitido, dirigido para aptidões selecionadas.

3.1 O assistencialismo dentro da escola

O Programa Bolsa Família em Minas Gerais é um programa implantado pelo governo de Minas Gerais, em março de 1999, que consiste em uma transferência direta de um determinado valor para famílias pobres ou abaixo da linha da pobreza. Com pesquisas feitas através de levantamentos socioeconômicos, desenvolvimento humano, infantil e qualidade de vida as famílias são beneficiadas mensalmente e devem manter os filhos na escola e atender mais algumas exigências do programa.

O Secretário da Educação de Minas Gerais Murilo de Avellar Hingel acrescenta a obra de Tacyana Arce que

Afinal, o Bolsa Família é um programa essencialmente educativo, de grande poder de transformação social, que busca equidade com critério para a

distribuição de oportunidades educacionais, gerando para os filhos, uma perspectiva melhor do que aquela que tiveram seus pais. E terá suas chances muito aumentadas na medida em que seja possível executar novas ações sociais integradas, sejam elas governamentais comunitárias ou originárias da iniciativa privada ou de voluntariado. (Arce, 2001, p.10)

Dentre seus objetivos estão combater a fome, a pobreza e dar direito aos serviços públicos de saúde. No livro Bolsa-Escola-Educação e Esperança no Vale do Jequitinhonha, a autora Tacyana Arce declara que

Ao mesmo tempo que garante oportunidades educacionais para crianças carentes, combate a evasão escolar, o trabalho infantil, a exploração de crianças e adolescentes, resgata a dignidade e a esperança de milhares de famílias. O programa proporcionou o retorno à escola de mais de 2 mil crianças- muitas delas haviam deixado de estudar para trabalhar na lavoura, ou viviam nas ruas da cidade. Cerca de 1.800 adultos das famílias beneficiadas estão cadastrados em curso de alfabetização. Muitas famílias além de adquirir materiais escolares para os filhos, melhoraram suas condições de vida, reformando suas casas, comprando roupas e utensílios. O programa proporciona a injeção de recursos nas economias locais do Vale do Jequitinhonha.(ARCE,2001, p.06 e 07)

O programa vai muito além da escola, pois salienta acabar com a desigualdade. Para tal, a autora declara que

O Programa Bolsa-Família para a Educação foi acompanhado por um conjunto de ações que reflete, primeiramente, a equidade na distribuição de oportunidades, princípio fundamental da “Escola Sagarana”, como é denominada a política educacional adotada em Minas na atual gestão. Tratar os sujeitos de direito à educação com equidade significa tratar de forma diferenciada aqueles que são diferentes, por sua peculiar condição socioeconômica, cultural ou física. (ARCE, 2001, p.07)

Escola Sagarana, é o programa que o governo implantou que apontava o desenvolvimento da escola pública de Minas Gerais com a finalidade de [...] implantar o Sistema Mineiro de Educação, o Sistema Estadual de Avaliação de Desempenho Escolar, o Sistema Estadual de Controle e Avaliação da Qualidade da Educação e o Instituto Superior de Educação. (MINAS GERAIS, 1999, p. 34).

Com a implementação do programa, os alunos sentem-se mais motivados a estudar, porém com o decorrer do ano letivo, as turmas diminuem consideravelmente, pois não encontram motivos para continuarem seus estudos. Quando percebem que estudando ou não terão que ir para as lavouras de café, evadem, casam, constituindo uma família que dará continuidade ao ciclo da miséria.

O Bolsa Família ajuda a reduzir o número de trabalho infantil, pois na pesquisa a autora ARCE, 2001 consta que reduziu significativamente o número de crianças que saía da escola para trabalhar e ajudar no sustento da família.

O programa vai além da renda mensal dada às famílias. Ele abrange programas sociais, pois além de aumentar a frequência dos alunos e diminuir a evasão, que

Instituído através de decreto pelo governo de Minas Gerais em março de 1999 o programa Bolsa Família para a Educação- Bolsa Escola definiu como seu objetivo principal “a administração e permanência na escola pública de crianças de idade entre sete e quatorze anos completos, em condição de carência material e precária situação familiar e social”. (ARCE, 2001, p. 97 e 98)

O programa orienta quanto às condições de acesso e permanência, qualidade de ensino e requisitos para que se evite o “assistencialismo e clientelismo muito comuns em iniciativas governamentais de cunho social.” (p. 98)

O programa é de suma importância devido à assistência que oferece às regiões social e economicamente desfavoráveis. Mesmo tendo cunho assistencial, trata-se de ação e investimento educacionais e redutores da desigualdade.

3.2 A escola e a sociedade

A escola é uma instituição de relações humanas que possui suas particularidades devido a sua localização e a clientela que a frequenta. Tem função social, pois “numa visão transformadora ela tem um papel essencialmente crítico e criativo” (Gadotti, 2007, p. 11).

É um ambiente não só para estudar, mas também para se socializar e buscar suprir as carências de toda a população que ela envolve. Gadotti salienta que

Como instituição social, ela depende da sociedade e, para se transformar, depende também da relação que mantém com outras escolas, com as famílias, **aprendendo em rede** com elas, estabelecendo alianças com a sociedade, com a população. (Gadotti, 2007, p. 12 grifos do autor).

Como seres inacabados, aprendemos a todo o momento com o outro. Depende apenas da qualidade do que será aprendido. A primeira “comunidade de aprendizagem” (p.12) é a família onde a criança cresce e se desenvolve nos primeiros anos.

Para enfatizar sobre a criança e seu processo na educação, o autor Airès elucida sobre a evolução da educação, bem como sua importância. Ele aborda a família como reconhecendo importância da educação para a formação do filho.

Essa nova preocupação com a educação pouco a pouco iria instalar-se no seio da sociedade, e transformá-la de fio a pavio. A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar corpos e almas. Entre a geração física e a instituição jurídica, existia um hiato, que a educação iria preencher. O cuidado dispensado às crianças passou a inspirar sentimentos novos, uma afetividade nova que a iconografia do século XVII exprimiu com insistência e gosto: o sentimento moderno da família. Aos pais não se contentavam mais em por filhos no mundo, em estabelecer apenas alguns deles, desinteressando-se os outros. A moral da época lhes impunha proporcionar a todos os filhos, e não apenas ao mais velho- e no fim do século XVII, até mesmo as meninas- uma preparação para a vida. Ficou convencionalizado que essa preparação fosse assegurada pela escola. A aprendizagem tradicional foi substituída pela escola, uma escola transformada, instrumento de disciplina severa, protegida pela justiça e pela política. O extraordinário desenvolvimento da escola no século XVII foi uma consequência dessa preocupação nova dos pais com a educação das crianças. As lições dos moralistas lhes ensinavam que era seu dever enviar as crianças bem cedo à escola. (ARIÈS 1981p. 277)

A segunda “comunidade de aprendizagem” é a instituição escolar. Quando a criança vai para a escola, torna-se aluno reconstruindo os seus conhecimentos prévios e acrescentando o conhecimento erudito, de modo a articulá-los para que surjam outros conhecimentos.

Nessa escala, o professor deve ser um mediador no sentido de fazer seus alunos pensarem para assim construir sua autonomia.

Luckesi faz a seguinte observação:

Em síntese, que importa observar é que a instituição escolar tem importância histórica fundamental para a operacionalização de uma concepção pedagógica que, por sua vez, é tradução de uma concepção filosófica do mundo. Não é pelo fato de essa instituição estar nas mãos do segmento dominante da sociedade há anos, que deixa de ser um benefício a ser estendidos a todos. Para qualquer segmento social, é uma instituição da maior importância, tanto para a transmissão quanto para a assimilação do legado cultural da sociedade. (Luckesi, 1994, p. 82)

Para que haja mudanças nos paradigmas da sociedade, o autor Paulo Freire salienta que

A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação político pedagógica, não importa se o projeto com o que nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças. (FREIRE, 1996 p.79)

E acrescenta que

[...] na sociedade atual, pode-se perceber que já não é possível compreender a educação sem a escola, porque a escola é a forma dominante e principal da educação. Assim, para compreender-se as diferentes modalidades de educação, exige-se a compreensão da escola. Em contrapartida, a escola pode ser compreendida independentemente das demais modalidades de educação (SAVIANI, 2008, p. 102-103).

Somente através da escola que o conhecimento erudito poderá ser alcançado. Trata-se de uma prática que se realiza entre os indivíduos seguindo uma concepção teórica.

A Educação é vista de três visões distintas: redentora, reprodutora e transformadora, no sentido, valores, finalidades de conceitos que norteiam.

São essas visões políticas que fazem existir uma ação e uma filosofia para buscar entendimento. Por essa razão, (FREIRE, 2014 p. 108) afirma que “a educação é um ato político.”

Na Educação como redentora da sociedade, de acordo com Luckesi (1994) a sociedade está “naturalmente” composta e cabe à educação integrar os indivíduos que se encontram as

suas margens. Para que a mesma atue como redentora, deve adaptar o sujeito, promovendo a harmonia social bem como sua integração, corrigindo seus desvios. Para tal, a educação redentora sofre influência do meio que não a modifica, porém age atuando para integrar o indivíduo na sociedade. Assim, ela “importa, pois, manter e conservar a sociedade, integrando os indivíduos no todo social(Luckesi, 1994, p. 38. Tem uma compreensão otimista em relação ao poder da educação. Para elucidar, Luckesi conclui que

A educação terá a força de redimir a sociedade se investir seus esforços nas gerações novas, formando suas mentes e dirigindo suas ações a partir dos ensinamentos. Deste modo, elas estarão sendo adaptadas ao ideal de sociedade através da educação. (Luckesi, 1994 p.40)

A tendência Educação como Redenção da Sociedade a educação atua de forma independente e exclusiva à sociedade, no sentido de não querer transformá-la. Não é crítica. É passiva e aceita a tudo e a todos o que a torna otimista em relação ao poder da educação.

Portanto a educação terá força de redimir a sociedade se investir seus esforços nas gerações novas, formando suas mentes e dirigindo suas ações a partir dos ensinamentos. Desse modo, elas estarão sendo adaptadas ao ideal de sociedade através a educação” Luckesi 1994 (p.40)

A segunda tendência Educação como Reprodução da sociedade tem uma tendência pessimista, salientando que a educação atende aos interesses dominantes vigentes, refletindo a sociedade à qual serve. Por conseguinte considera a educação parte da sociedade e a reproduz, atuando de forma crítica e reprodutiva.

O autor supracitado salienta que ao contrário da tendência anterior, na Educação como reprodutora da sociedade, a educação reproduz o que a sociedade lhe transmite. A escola está a serviço da sociedade. Por isso de nada adianta o papel da escola senão “assumir o papel de instrumento para reprodução qualitativa da força de trabalho de que necessita a sociedade capitalista.” (p.44).

Os sujeitos estão conformados com suas funções e a escola por sua vez funciona como um aparelho ideológico do Estado que garante a hegemonia política, amparando esse poder e refletindo as analogias de produção vigorantes da sociedade. Com estudos embasados na teoria de Althusser que ressalta a escola como instrumento de reprodução, Luckesi salienta que “o poder dominante é tão forte na sociedade que não há possibilidade nenhuma para a escola de trabalhar pela sua transformação.” (Luckesi, 1994 p.48). A tendência reprodutora é “pessimista”, pois sempre estará a serviço do padrão dominador da sociedade.

A escola reproduz a sociedade já formada, embasada na escolaridade de cada um. Cada papel assumido por sujeitos seja na condição de explorados, agente da exploração, da repressão ou agentes da ideologia são marcas criadas pela sociedade e a escola não faz nada a respeito senão aceitar tais condições.

Segundo Luckesi, 1994:

A escola, pois, age por valores e otimiza, ao máximo, o sistema dentro do qual está inserido e ao qual serve. Não é a escola que institui a sociedade, mas, é ao contrário, a sociedade que institui a escola para o seu serviço.” (p. 48)

A terceira Tendência Educação como Transformação da Sociedade tem por ponto de vista a mutação da sociedade, sem redimir nem reproduzir, compreendendo a educação dentro da sociedade. Nesse sentido, Luckesi 1994 afirma:

No caso, essa tendência não coloca a educação a serviço da conservação. Pretende demonstrar que é possível compreender a educação, dentro da sociedade, com seus determinantes e condicionantes, mas com a possibilidade de trabalhar pela sua democratização. (P.48)

Essa tendência luta pela transformação da sociedade, nos aspectos políticos, sociais e econômicos.

Quanto a essa tendência, a educação é vista como mediadora no processo social e pretende sanar os desvios da sociedade agindo nas suas perspectivas históricas. Para reforçar tal teoria, Luckesi acrescenta que

Assim sendo, esta terceira tendência poderá ser denominada de “crítica”, tanto na medida em que não cede ao ilusório otimismo, quanto na medida em que interpreta a educação dimensionada dentro dos determinantes sociais, com possibilidades de agir estrategicamente. Assim ela pode ser uma instância social, entre outras, na luta pela transformação da sociedade, na perspectiva de sua democratização efetiva e concreta, atingindo os aspectos não só políticos, mas também sociais e econômicos. (Luckesi, 1994, p. 49)

Na tendência em questão o principal objetivo é a mediação, seja para realizar, praticar, conservar, transformar. Cabe ao educador saber qual a especificidade da educação em questão para obter um trabalho satisfatório.

Segundo a autora Kruppa (1994, p.47 e 48), o Brasil é um país subdesenvolvido, capitalista com uma grande desigualdade social que explora seus trabalhadores. Na

escolaridade do mesmo, a situação se repete, pois a classe de maior renda, que é a minoria, tem acesso a diversas fontes culturais, ao contrário da pobre que não tem nenhum acesso e também possui baixa escolaridade.

A grande problemática do Brasil em respeito à educação está no fato de ele ser um país capitalista, o que acarreta um grande abismo em relação ao sistema educacional entre ricos e pobres.

A educação que deveria ser o ponto para igualar essa diferença está novamente a poder dos mais privilegiados economicamente. A escola que deveria atuar para neutralizar essa situação por si evidencia a desigualdade, a tal ponto que fazem os seus alunos serem excluídos mesmo estando dentro do perímetro escolar; promovidos, mesmo sem dominarem o conteúdo. Muitos se evadem antes de concluírem por perceber que não estão aprendendo ou por razões econômicas, pois precisam trabalhar.

Enquanto o pobre enfrenta o dilema da sua vida, o rico continua estudando e aprimorando seus conhecimentos em cursinhos.

A autora Kruppa concretiza que

A classe de maior renda, uma minoria, dispõe de maior escolaridade, e de maior acesso aos bens culturais, como jornais, revistas, livros, bibliotecas, teatros, cinemas, viagens, etc.

A classe de menos renda, a maioria, com baixa escolaridade, dispõe de pouco ou nenhum acesso a tais bens culturais. [...] (KRUPPA, 1994, p.48)

A chance será do rico que passará nos vestibulares já que se preparou a vida toda para isso e irá concorrer com o pobre que deixou seus estudos em segundo, terceiro plano.

O mais rico terá acesso às universidades federais e os pobres, se quiserem estudar, terão que se esforçar para pagar uma faculdade particular e/ou serem apadrinhados com algum benefício do governo.

Isso se dá graças ao estudo que a escola pública oferece ao pobre. O mais privilegiado economicamente terá desde criança uma cultura rica e diversificada e o mais necessitado será privado de tal benefício. Isso acarretará uma deficiência cultural bastante significativa que refletirá na sua formação acadêmica.

CONSIDERAÇÕES

Entender as instituições de ensino como mediadoras para a mudança do processo cultural do homem e transformadora da sociedade é uma situação complexa, pois nossa sociedade possui vários problemas que necessitam ser sanados para a melhoria significativa do nosso país. Por conseguinte nada poderá ser feito sem a Educação, pois somente ela e através dela, o sujeito poderá se conscientizar da sua verdadeira situação como homem, só assim mudar sua condição. Ela dará respaldo para que o sujeito se compreenda na sociedade e o seu papel como transformador do meio. Somente conhecendo-se a si ele poderá mudar, todavia o homem só consegue mudar aquilo que conhece.

Mudando a si ele conseqüentemente mudará a sociedade a sua volta, adquirindo uma nova cultura e passando para sua geração. Vivemos em uma sociedade onde estamos inseridos e sofremos influência por todos os lados. Trazemos a herança do nosso seio familiar, somos influenciados pela escola e pela sociedade, o que nos torna acomodados a nossa cultura. Seres passivos diante da dominação dos mais poderosos e domesticados pelo sistema como grande parte da população em massa que possui o senso comum como conhecimento e aceita de maneira passiva o que lhe é imposto.

Quebraremos tais paradigmas com uma educação que tenha como objetivo final ensinar seus alunos a pensar e serem críticos e de acesso a todos. Uma educação mais completa onde as pessoas que possuem um déficit de cultura tenham essa lacuna preenchida na escola.

A educação escolar deve ser completa, de modo a acatar, sem exceção, todas as carências dos seus alunos, pois como uma instituição social, deve ter tal respaldo pra preparar os alunos para serem cidadãos integrados verdadeiramente na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros técnicos e científicos editora S.A , 1981.
- BORDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 2ª Ed., São Paulo, Perspectiva, 1982
- BORDIEU, Pierre- **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998
- CHAUÍ. M.S, **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: editora UNESP, 2001
- DESLANDES, Suely Ferreira- **Pesquisa social: teoria, método e criatividade/** Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora) Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- DURKHEIM, Émile **Educação e sociologia**. 11 ed. São Paulo, melhoramentos, 1978, P.41.
- ESCOBAR, Tatiana Pires – PUC/PR e BONETTI, Lindomar Wessler **Mecanismo de Exclusão social no sistema escolar** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009 – PUCPR
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. Tradução Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- Freire, 1982, p.100, apud Gadotti, Moacir A escola e o professor : Paulo Freire e a paixão de ensinar / Moacir Gadotti. – 1. ed. – São Paulo : Publisher Brasil, 2007.
- FREIRE, Paulo **Educação e Mudança/** Paulo Freire; tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. - Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1979, p.17 (coleção o mundo hoje; v.36)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 2014.
- FREITAS, J. E. (org.) **Escola Sagarana: educação para a vida com dignidade e esperança**. Coleção Lições de Minas, V. II.Belo Horizonte: SEE/MG ,1999.
- GADOTTI, Moacir **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar** / Moacir Gadotti. – 1. ed. – São Paulo : Publisher Brasil, 2007.
- HOBBSAWM, Eric J. , 1917- Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991/ Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KRUPPA, Sonia M. Portella- **Sociologia da Educação**/ Sonia M. Portella Kruppa- São Paulo: Cortez, 1994, - (coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** /Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi.-4ed.rev. ampl.-São Paulo: Atlas 2001. p.106 e 107

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação** / Cipriano Carlos Luckesi. – São Paulo : Cortez, 1994. – (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

MEDEIROS, Andréa Borges de. **Pobreza, relações étnico-raciais e cotidiano escolar: narrativas do viver.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2011, vol.16, n.46, pp.167-189. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782011000100010>.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia**/ Paulo Meksenas.- São Paulo: Cortez 1994- 2ª Ed. Ver.e aum.- (coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

MINAS GERAIS. Secretaria de estado da educação. **Bolsa-escola – Educação e esperança no vale do Jequitinhonha.** -Arce, Tacyana.- Belo Horizonte-SEE/MG,2001 14º p. (lições de Minas, v. 12)

NOGUEIRA, Maria Alice **BOURDIEU E A EDUCACAÇÃO**/ Maria Alice Nogueira, Cláudio N Martins Nogueira. -3 ed.-Belo Horizonte: Autentica 2009. P.98

PATTO, Maria Helena Souza: **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**/ Maria Helena Souza Patto. -São Paulo: T.A Queirós, 1990- (Biblioteca de psicologia e psicanálise; v. 6)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2007

SANTOS, José Luiz dos, 1949- **O que é cultura**/José Luiz dos Santos. —São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção primeiros passos; 110)

SAVIANI, Demerval, 1944 – **Educação: Do senso comum à consciência filosófica**/ Demerval Saviani. - 18 ed.revista- Campinas SP: Autores Associados, 2009. (Coleção educação contemporânea)

SAVIANI, Demerval, 1992- **Neo-liberalismo ou pós-liberalismo? Educação pública, crise do Estado e democracia na América Latina.** In: Estado e educação. Campinas: Papirus.

SAVIANI, Demerval, 2003- **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.** 8. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A escola e a construção da cidadania.** In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. Anais, vol. Sociedade Civil e Educação. CBE-CEDES/ANPED, ANDE. São Paulo: Papirus, 1992.

Silvia Cristina Yannoulas, Samuel Gabriel Assis e Kaline Monteiro Ferreira **Educação e pobreza: limiares de um campo em (re)definição** Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 50 maio-ago. 2012

VEYNE. Paul **A Sociedade Romana**, Coleção Lugar da História, 48. Edições 70, 1993

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.